

Comentário sobre
OBADIAS



João Calvino



Texto extraído e traduzido da primeira versão inglesa de 1816

Commentary on the Twelve Minor Prophets. Volume Second: Joel, Amos and Obadiah

Tradução: Vanderson Moura da Silva

Capa: Raniere Maciel Menezes

“Depois da leitura da Escritura, a qual ensino, inculcando tenazmente, mais do que qualquer uma outra... Eu recomendo que os Comentários de Calvino sejam lidos... Pois afirmo que, na interpretação das Escrituras, Calvino é incomparável, e que seus Comentários são para se dar maior valor do que qualquer outra coisa que nos é legada nos escritos dos Pais — tanto que admito ter ele um certo espírito de profecia, em que se distingue acima dos outros, acima da maioria, de fato, acima de todos”.

Jacobus Arminius (1560-1609)

PREFÁCIO DE CALVINO

A

OBADIAS

Essa Profecia não consiste de muitos oráculos, nem de muitos sermões, como outras profecias. Apenas anuncia sobre os idumeus uma destruição próxima, e em seguida promete uma restauração ao povo eleito de Deus. Porém, ameaça os idumeus a fim de ministrar consolação ao povo escolhido. Pois foi uma prova dolorosa e dura para os filhos de Jacó, um povo eleito, ver a posteridade de Esaú, o qual fora rejeitado por Deus, prosperando tanto em riqueza quanto em poder.

Como, pois, os filhos de Israel fossem miseráveis em comparação com seus parentes, a adoção divina teria parecido sem valor. E isso – que foi em grande medida a razão por que os israelitas preferissem o quinhão do outro – se observa entre nós: também nossa tristeza se intensifica e nosso enfado aumenta. Portanto, quando os israelitas viram os idumeus vivendo relaxadamente e fora de perigo, quando também os viram no gozo de toda abundância, ao passo que eles mesmos eram expostos como presa aos inimigos, continuamente esperando novas calamidades, não podia ter acontecido senão de a fé deles ter fracassado totalmente, ou ao menos ter se tornado muito enfraquecida. Por este motivo o Profeta mostra aqui que, apesar de os idumeus ora viverem em felicidade, todavia, dentro de um breve intervalo de tempo eles seriam destruídos, pois eram odiados por Deus; e revela que tal seria o caso, como perceberemos pelo conteúdo deste Livro, por causa do povo eleito.

Vemos agora, pois, o propósito do Profeta: como a adversidade podia ter enfraquecido os israelitas e até mesmo os levar ao colapso completo, o Profeta aqui aplica consolo e dá apoio às suas mentes deprimidas, pois o Senhor logo atentaria para eles e tomaria a devida vingança sobre os inimigos deles.

E a causa de essa profecia ser apontada contra os idumeus é somente esta: eles, como conhecemos, enfureceram-se com maior crueldade do que qualquer um outro contra os israelitas: pois não é à toa que se diz no Sl 137.7: ‘Lembra-te dos filhos de Edom no dia de Jerusalém, os quais diziam: Arrasai-a, arrasai-a até às fundações.’ Ora, não consta o tempo em que Obadias¹ profetizou,² mas é provável que tal profecia foi anunciada quando os idumeus se levantaram contra os israelitas e os atribularam com muitas vexações: pois parecem estar enganados os que pensam que Obadias viveu antes da época de Isaías. Parece que Jeremias (Jr 49.7-22) e esse Profeta valeram-se dos mesmos pensamentos e quase das mesmas palavras, como veremos subsequenteemente. O Espírito Santo, sem dúvida, podia ter exprimido as mesmas coisas em palavras diferentes; porém, aprovou a ele juntar estes dois testemunhos, para que estes lograssem mais crédito.³ Não sei se Obadias e Jeremias foram contemporâneos, e sobre tal assunto não

¹ Obadias é um nome bastante comum nas S. Escrituras, as quais conhecem doze pessoas assim chamadas. Portanto, o profeta em tela não se confunde com o Obadias de 1 Rs 18. 3-16. O nome significa “servo de Jeová” (N. do T.).

² *Newcome* supõe que ele profetizou entre a tomada de Jerusalém em 587 antes de Cristo e a destruição da Iduméia por Nabucodonosor, poucos anos depois. Usher, segundo citação de *Newcome*, coloca a destruição de Jerusalém em 588 a.C.; e o cerco de Tiro pelos babilônios três anos depois, ou seja, em 585; e foi durante esse cerco, o qual durou treze anos, que os *idumeus*, tanto quanto os sidônios, os moabitas e os amonitas, foram subjugados pela potência babilônica: de forma que as ameaças contidas nessa profecia foram logo executadas. (N. do E. inglês.)

³ Os expositores estão divididos em suas opiniões quanto à precedência dos dois Profetas e, conseqüentemente, quanto a qual dos dois foi o copista. Como o tempo não pode ser averiguado, nosso único modo de verificar isso são as próprias passagens fornecidas por cada um deles. Diz-se que Jeremias não as apresenta em uma forma tão perfeita como Obadias, e que no último elas aparecem como as partes naturalmente conectadas do tema dele, e consoante em estilo e caráter com o resto da profecia. Porém, a matéria não é de grande importância, e discuti-la pode não trazer benefício. (N. do E. inglês.)

precisamos aplicar muito labor. É-nos bastante conhecer que essa profecia foi acrescentada a outras para que os israelitas sentissem-se assegurados de que, conquanto seus parentes, os idumeus, prosperassem por um tempo, todavia, esses não escapariam da mão divina, mas em breve seriam obrigados a prestar contas de sua crueldade, visto como sem causa estiveram em violenta paixão contra o atribulado e aflito povo de Deus.

Ora, nosso Profeta no final revela que Deus se tornaria o vingador de tal crueldade, a qual os idumeus haviam exercido; pois, ainda que castigasse seu próprio povo, ele, todavia, não esqueceu sua aliança gratuita. Vamos agora às palavras.

COMENTÁRIOS SOBRE O PROFETA

OBADIAS

Obadias 1

1. A visão de Obadias: Assim diz o SENHOR 1. Visio Obadiae. Sic Dominus Jehova contra Deus com respeito a Edom: ⁴ “Ouvimos uma Edom, Rumorem audivimus a Jehova, et legatus notícia da parte do Senhor, e enviou-se às nações ad gentes missus est, Surgite et surgamus contra um mensageiro, dizendo: 'Levantai-vos, e eam ad proelium. levantemo-nos contra ela para o combate’”.

O prefácio de Obadias é que ele não trazia nada humano, mas somente declarava a visão que lhe foi apresentada de cima. Deveras conhecemos que era só Deus quem tinha de ser sempre ouvido na Igreja, tal como agora ele exige ser ouvido: no entanto, enviou seus profetas e, posteriormente, os apóstolos: sim, mandou seu Filho unigênito, a quem ele estabeleceu sobre nós para ser nosso único e soberano Mestre. Obadias então, ao dizer que era uma visão, dizia a mesma coisa que se declarasse que não entregava de maneira presuntiva seus próprios sonhos, ou o que ele conjecturou ou descobriu pela razão humana, mas que aduzia apenas a um oráculo celestial: pois חֲזוֹן, *chazon*, como observamos em outras partes, era uma visão, pela qual Deus se revelava aos Profetas dele.

Ele então adiciona: *Assim diz Jeová*. Aqui está uma expressão mais completa da mesma declaração. Desse modo, vemos que o Profeta, a fim de que a doutrina que apresentava não recebesse suspeitas, fazia de Deus o autor. Pois que fé pode ser posta nos homens, os quais sabemos ser vãos e falsos, a não ser até o ponto em que sejam regidos pelo Espírito de Deus e enviados por Ele? Então, visto que o Profeta tão cuidadosamente nos ensina que o que ele declarou lhe foi entregue por Deus, podemos daí aprender aquilo a que me referi há pouco — que os Profetas outrora falavam assim para que somente Deus fosse ouvido entre o povo.

Em seguida, diz: *Um rumor ouvimos*. Alguns vertem-no, uma palavra, ou uma doutrina. שמרעה, *shmu'ah*, é propriamente uma audiência, e é derivado do verbo que o Profeta acrescenta no fim. Uma audiência nós ouvimos, então; assim é traduzido literalmente. Contudo, acham alguns que o que foi ensinado é enfatizado, como se dissesse: “O Senhor revelou isso a mim e aos outros Profetas”; conforme o que Isaías diz (Is 53.1): ‘Quem creu na nossa audiência?’ O termo é o mesmo, e ele fala da palavra ou doutrina de Deus. Mas é provável que ele aluda aqui àqueles rumores desordenados que normalmente precedem as guerras e calamidades. *Nós ouvimos* então *um rumor*. O verbo em Jeremias não está no plural, שמענו *shama'nu*, mas שמרעה שמענו *shmu'ah shama'ti*, ‘Eu ouvi,’ diz Jeremias, ‘uma audiência.’ Porém, nosso Profeta usa o plural: ‘Nós ouvimos uma audiência.’ Entretanto, o sentido é o mesmo; pois Jeremias diz que ouvira boatos; e o Profeta aqui acrescenta outros a si próprio: “Esse rumor se espalhou, porém, é do Senhor: é certo que tal notícia foi ouvida até pelos profanos e desprezadores de Deus.” Mas o Profeta revela que guerras não são suscitadas por acaso, mas pela secreta influência divina, como se dissesse: “Quando um tumulto surge, não pensemos que seu início seja oriundo da terra, mas Deus mesmo é o autor.”

4 A Septuaginta verte as palavras, “para Edom” — Ταδε λεγει κυριος □ Θε□ς τη Ιδουμα□α — “Assim diz o Senhor Deus à Iduméia”; o que é uma tradução exata do original, que é לאדום — “para Edom”. Era uma mensagem de Deus *para* aquele povo. Não podemos concluir daí que essa profecia foi *enviada a eles* por Obadias? A eles se dirige amiúde de forma pessoal: e isso parece favorecer uma semelhante suposição. É sem dúvida verdade que ל prefixado a uma palavra depois do verbo, dizer ou falar, é freqüentemente vertida *de*, ou *concernente*; porém, também é traduzida como *para*, significando que a alocação é feita à pessoa. (N. do E. inglês.)

Aprendemos agora, pois, o desígnio do Profeta: malgrado falar do rumor de guerras, ele, não obstante, mostra que o acaso ou acidente não governa em tais comoções, mas sim a influência oculta de Deus.

*Nós ouvimos de Jeová, ele diz, e um mensageiro, ou, um embaixador às nações foi enviado*⁵, *Levantai-vos, e subamos contra ela para a batalha.* Em Jeremias é: 'Reuni-vos, vinde e subi contra ela para a peleja'. O Profeta revela aqui, não tenho dúvida, de onde o rumor que acabara de mencionar provinha; pois estavam ora incitando-se um ao outro, de fato, para destruir aquela terra. Se alguém tivesse formado opinião segundo a sabedoria humana, teria dito que os assírios eram a causa por que a guerra era trazida sobre os idumeus, seja porque eles os tinha achado inconstantes ou até pérfidos, seja porque tinham inventado um pretexto quando não havia razão alguma para fazer guerra. Porém, o Profeta aqui volta sua mente para o alto e reconhece Deus como a causa dessa guerra, pois que intentava esse punir a crueldade daquele povo, a qual exercera para com os próprios parentes, os israelitas; e, simultaneamente, encoraja outros também, para que compreendessem que era totalmente dirigidos pelo conselho oculto de Deus, que os assírios, amigos, de súbito viraram inimigos, que uma guerra estava totalmente conflagrada contra os idumeus em um tempo em que esses estavam folgados, sem qualquer receio, sem qualquer apreensão do perigo. Segue-se —

Obadias 2-4

2. Eis que te fiz pequeno entre as nações. Tu és mui desprezado.	2. Ecce parvum posui te inter gentes, contemptus tu valde.
3. O orgulho do teu coração enganou-te, tu que moras nas fendas do rochedo, cuja habitação é alta, dizendo no teu coração: 'Quem me fará descer à terra?'	3. Superbia cordis tui decepit te, qui habitas in scissuras petrae (vel, rupis;) excelsa habitatio ejus, dicens in corde suo, Quis detrahet me in terram?
4. Ainda que <i>te</i> remontes como águia, e coloques teu ninho entre as estrelas, de lá te derribarei, diz o SENHOR.	4. Si exaltaveris quasi aquila, etsi inter nubes posueris nidum suum, inde ego detraham te, dicit Jehova.

Jeremias utiliza quase as mesmas palavras; mas o sentido da expressão é ambíguo quando diz: 'Eis, pequeno te formei'. A mim parece provável que o Profeta exprobra os idumeus, pois que se tornaram arrogantes, por assim dizer, contra a vontade de Deus, e em oposição a ela, embora estivessem, entretimentos, confinados às vielas das montanhas. É dito noutra parte (MI 1.2): 'Jacó e Esaú não eram irmãos?' "Contudo, eu vos dei a herança prometida a vosso pai Abraão; eu transferi os idumeus para o monte Seir". Ora, é menos tolerável quando alguém está cheio de orgulho e sua condição não é tão honrosa. Portanto, acho que os idumeus são aqui condenados porque se vangloriaram muito, arrogando a si próprios mais do que era direito, embora fossem desprezíveis, embora seu estado fosse inferior e humilde, pois habitavam no monte Seir. Todavia, pensam outros que a punição, a qual pairava sobre eles, é aqui anunciada: *Eis, pequeno te fiz entre as nações*, e Jeremias diz, *e abjeto entre os homens*; ele omite as duas palavras, tu e sobremodo; diz apenas: *'e abjeto entre os homens'*. Porém, quanto à essência, mal há diferença. Então, se entendermos que aquela nação era orgulhosa sem razão, o sentido fica patente, isto é, que eles, como os gigantes,

5 Ou as duas linhas podem ser assim traduzidas:

*Um rumor ouvimos de Jeová,
E um mensageiro às nações ele enviou.*

O verbo, enviar, está na voz ativa aqui; e assim está vertido na Septuaginta. Está de fato na passiva na passagem correspondente em Jeremias; mas há vários outros casos de variedade nas expressões usadas pelos dois Profetas, conquanto haja no sentido uma concordância material. (N. do E. inglês.)

conduziram guerra contra Deus, que se ufanavam, apesar de confinados às vielas das montanhas. Ainda que eu conceda a outros opinarem livremente, não obstante, fico inclinado à primeira opinião, embora a última tenha sido adotada consensualmente quase que por todos, qual seja – que Deus estava resolvido a constringer fortemente à ordem aqueles homens ferozes, os quais, sem razão alguma, e até contrário à natureza, tornaram-se insolentes. Contudo, caso uma interpretação diferente seja mais aprovada, podemos dizer que o Profeta inicia com uma ameaça, acrescentado em seguida um motivo pelo qual Deus resolveu diminuir e mesmo destruir a eles: pois, ainda que morassem nas montanhas, todavia, tratava-se de uma região fértil; além disso, eles haviam acumulado muita riqueza durante um longo período, quando alcançaram a segurança, quando inimigo algum os perturbava. Esse então é o raciocínio. *Eis, eu te fiz pequeno e desprezível no monte* – e por quê? *Porque a soberba de teu coração te ludibriou*; e Jeremias acrescenta, terror,⁶ malgrado alguns traduzirem תִּפְלַטְשֶׁחַ תִּפְלַטְשֶׁחַ *tiflatstecha*, imagem; mas isso aparenta não ser apropriado. Jeremias então, não duvido, menciona primeiramente terror; pois quase sempre acontece de o orgulho infundir medo em outros: tais, pois, eram os idumeus.

Ora, se inferirmos o primeiro significado que eu expliquei, os dois versículos podem ser lidos como em conexão: *Eis, eu te fiz pequeno e contemptível entre as nações*; ⁷ *porém, a arrogância do teu coração te enganou*; vertem-no alguns, elevou-te, derivando-no de נָשָׂא *nasa'*: mas lêem שׁ *chim*, com ponto na esquerda; pois, se נָשָׂא *nasa'* tem o ponto na perna direita do *chim* denota embair, mas, se na esquerda, significa elevar. Dão pois esta tradução: “A altivez de teu coração elevou a ti”. Porém, somos claramente informados por Jeremias, com a concordância de quase todos os intérpretes, que isso deve ser vertido assim: “O orgulho de teu coração te enganou”: pois ele não diz הִשִּׁי' עֵחָ *hishi'echa*, mas הִשִּׁי' אֶרְחָךְ *hishi' 'otach*, isto é, era para ti a causa de erro e de loucura. Então, quanto a aceção desse verbo não pode haver dúvidas.

O Profeta agora ri com desdém dos idumeus, pois que confiavam em suas fortalezas e se imaginavam, segundo o dito comum, estar fora do alcance dos dardos; destarte, petulantemente insultavam os israelitas e desprezavam o próprio Deus. O Profeta, portanto, diz que os idumeus em vão se congratulavam, pois demonstra que tudo o que eles prometiam para si eram mera ilusões. O entendimento do que se disse, então, é: “De onde vem essa segurança vossa, que pensais que inimigos não podem vos fazer mal? Sim, menosprezais tanto Deus quanto os homens; de onde vem tal presunção? De onde ainda vem a grande confiança da qual estais cheios? Verdadeiramente, provém só de meras ilusões. *A arrogância do teu coração te enganou.*”

6 *Blayney*, por razões mui satisfatórias, transfere essa palavra para o versículo precedente, e então a passagem fica quase literalmente a mesma dessa de Obadias. O v. 15 e o começo do 16 em Jeremias 49 podem ser traduzidos desta maneira:

15. *Pois, veja, pequeno te fiz entre as nações,
Desprezível entre os homens do teu terror,
(isto é, os tais de que tens medo.)*

16. *Enganou a ti a soberba de teu coração; etc.*

(N. do E. inglês.)

7 É evidentemente do passado, e não do futuro, que esse versículo fala. A passagem correspondente em Jeremias está, em nossa versão inglesa, traduzida no tempo futuro, mas *Blayney* verte-a, como está, no pretérito. Nossa versão aqui adota o pretérito na primeira linha, “Eu fiz”, etc., e o presente na segunda, “tu és”, etc., contrariamente à regra de que, quando o verbo auxiliar não está expresso no original, o tempo dos verbos tem de ser observado. Logo, as duas linhas devem ser assim vertidas:

*Eis, pequeno te fiz entre as nações;
Desprezado fostes sobremaneira.*

A referência, indubitavelmente, como diz Calvino, é à pobre herança designada aos edomitas e à baixa posição que ocupavam entre as outras nações; por isso, o orgulho e a insolência deles afiguravam-se mais patente e irracional. (N. do E. inglês.)

No entanto, não faltava razão pela qual os idumeus fossem insolentes assim, como o Profeta também afirma: porém, ao mesmo tempo, revela que eles haviam enganado a si próprios; pois Deus não ligava para as suas fortificações; ao contrário, reputava-as como nada. Tu *resides*, ele diz, (isso tem de ser considerado como uma concessão) *nas fendas da pedra*; alguns interpretam, “entre os contornos da rocha”; ⁸ ainda que outros julguem סלע *sela'* como sendo o nome de uma cidade. ⁹ Porém, embora eu admita que o Profeta aluda ao nome de uma cidade, todavia, não vejo como isso se conecta com o que eles defendem; pois fendas não ajudam uma cidade situada em uma planície, mesmo que dentro das cadeias montanhosas. Não duvido então que סלע *sela'* queira dizer aqui o monte Seir. Como então os idumeus tinham fortificações entre as rochas, achavam que todos os inimigos podiam ser facilmente mantidos afastados.

Segue-se daí: *A altura é sua habitação*, isto é, *ele habita em lugares altos*; por isso, diz em seu coração: *Quem me fará descer ao solo?* Depois, adiciona no fim o que eu já declarei: que, embora a região deles fosse sobremaneira bem fortificada, não obstante, os idumeus estavam grandemente enganados, entregando-se a vãs ilusões. “Se tu remontares teu assento, diz, *como a águia*”, – literalmente, 'se subires como a águia', “*e se entre as nuvens*” ¹⁰ *puseres teu ninho*, de lá te derrubarei, diz Jeová”. Vemos agora que o Profeta, não sem razão, caçoa da confiança da qual os idumeus estavam inflados, erigindo seus fortes em oposição a Deus: pois é a maior doidice da parte dos homens confiar no próprio poder e não fazer caso de Deus mesmo. Ao mesmo tempo, ele pode, por assim dizer, facilmente dissipar, mediante uma lufada, toda idéia de defesa ou de poder que haja em nós; porém, tal tema será mais plenamente tratado por nós amanhã.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto como vês estarmos de todo lado no presente assediados por tantos inimigos, exatamente por aqueles que constantemente concebem meios para nos destruir, embora sejamos tão fracos e débeis – Ó, permita que aprendamos a te procurar, e que nossa confiança repouse em ti, para que, por mais expostos que estejamos a todos os tipos de perigos segundo parecem ser à nossa carne, todavia, não duvidemos que tu sempre estás armado com poder suficiente para terrificar nossos inimigos, de modo que sossegadamente vivamos, até em meio aos perigos todos, jamais cessando de invocar o teu nome, já que prometeste ser o defensor certo e fiel de nossa segurança em Cristo Jesus nosso Senhor. Amém.

⁸ Blayney traduz as mesmas palavras de Jr 49.16 como “nas voltas da rocha”; contudo, Parkhurst verte-as “as fendas, ou fissuras da rocha”. (N. do E. inglês.)

⁹ “Talvez o 'rochedo' (*sela*), onde Edom se esconde, evoque o nome da capital edomita *Ha-Sela*, 'A Rocha' (cf. 2Rs 14.7); o nome grego Petra conserva bem o sentido”. Nota da *Bíblia de Jerusalém* a Obadias 3. (N. do T.)

¹⁰ Literalmente, é “entre as estrelas”, בֵּין כּוֹכָבִים. (N. do E. inglês.)

SEPTUAGÉSIMA DISSERTAÇÃO

Observamos em nossa Dissertação de ontem que de nada aproveita aos ímpios instalarem suas fortalezas contra o juízo de Deus, como se pudessem escapar ilesos da mão dele; pois, como esse tem o céu e a terra sob seu controle, pode, sempre que lhe aprazar, derribar todos os que ora desdenham de seu poder e, por conseguinte, mofam dos Profetas ou reputam como nada as ameaças deles. Essa passagem, então, tem que ser cuidadosamente observada, uma vez que Deus declara que está em seu poder arriar das próprias nuvens aqueles que assim se elevam, pensando estar alçados acima de todos os perigos. O Profeta agora diz —

Obadias 5

5. Caso chegassem a ti ladrões, ou assaltantes de noite (como estás destruído!) não furtariam o quanto lhes bastassem? Caso chegassem a ti (vel, quomodo consumptus es?) annon furati vindimadores, não deixariam ao menos *algumas* uvas? 5. An fures venerunt ad te? An praedones nocturni? Quomodo in silentium redactus es? Annon furati vindemiatores ad te venerunt? Annon reliquissent racemos?

O Profeta revela nesse versículo que a calamidade com a qual Deus estava decidido a afligir os idumeus não seria leve, pois nada seria deixado entre eles; e amplia o que diz através de uma comparação. Quando alguém é roubado de seu patrimônio por ladrões, lastima que o que ele havia adquirido por muito labor ao longo da vida foi, em um momento, tirado: e, quando alguém despende labor e custas no cultivo de sua vinha e outro toma seus frutos, queixa-se de sua grande desventura, que perdera sua propriedade e grande trabalho ao cultivar seu vinhedo, enquanto outrem devora aqueles. Porém, o Profeta declara que Deus não seria contentado com tal espécie de castigo no tocante aos idumeus.

Por esse motivo ele diz: *Ladrões ou salteadores noturnos vieram a ti?* Eles, sem dúvida, furtaram, tirando o que julgavam suficiente para si; mas agora nada te será deixado. Em suma, o Profeta sugere que os assírios não seriam como ladrões ou assaltantes da noite, os quais furtiva e secretamente tiram o que vem às suas mãos; mas quer dizer que os idumeus seriam tão esbulhados que suas casas seriam deixadas totalmente vazias, declarando que os assírios espoliariam-nos como ladrões ou salteadores noturnos, os quais estão habituados a proceder com irrefreada liberdade; pois ninguém ousa resistir a eles, ou mesmo dizer uma palavra contra eles. Esse saque, então, diz o Profeta, não será de uma espécie ordinária; porém, os inimigos torná-los-iam inteiramente destituídos.

O objetivo em vista é o mesmo quando ele diz: *Vindimadores chegaram a ti?* Para se assegurarem, eles comumente deixam alguns cachos; contudo, os assírios não deixarão sequer uma uva: eles partirão tão carregados de rapina que tu serás deixado vazio.

Mas tudo isso, como vos lembramos, foi dito a fim de aliviar ou mitigar a tristeza dos fiéis, os quais se consideravam então mui miseráveis, visto que somente eles foram pilhados pelos inimigos; pois viam que seus vizinhos estavam morando em segurança, e até se tornando participantes do saque. A condição deles era mui infeliz e degradada. Destarte o Profeta, para moderar esse amargo pesar, diz que os idumeus não seriam espoliados de um modo comum, pois nem um fio de cabelo lhes seria deixado. Eis a significação da passagem.

Mas alguns consideram o verbo נדמיתה *nidmeitah* como significando “tu estás reduzidos ao silêncio”; pois o verbo דים *dum* ou דמה *damah* quer dizer ficar silencioso, e dão esta interpretação: “Como tu não te esforçaste ao menos para enfrentar teus inimigos?” Pois entendem

“estar silencioso” na acepção de ficar parado, visto que דמה *damah* com frequência é empregado assim nas Escrituras: “Como então ficastes silencioso?” Porém, ele fala do tempo futuro no pretérito, como se Deus já houvesse infligido punição aos idumeus, para que a fé no vaticínio ficasse mais certa: tu foste reduzido ao silêncio, isto é, como pudeste tu permanecer quieto ao ver teus inimigos esbulhando com tanta violência – como então foste reduzido ao silêncio? Dizem outros: Como tu foste consumido? Pois דמה *damah* frequentemente denota destruir. Contudo, esse ponto não tem grande importância; pois o Profeta quer dizer que isto não pode ser atribuído ao acaso, que inimigos destruiriam toda a terra de Edom, pois a cruel investida não seria de modo algum de tipo ordinário: então, como os idumeus julgavam que de todos os lados estavam cerradas as entradas aos inimigos, já que residiam nos cumes das montanhas, conforme o que eu já disse, e que estavam muitíssimo seguros em seus recessos e rochas elevadas, o Profeta aqui apresenta como algo espantoso o juízo divino que ainda os alcançaria. Prossigamos —

Obadias 6

6. Como estão devastados *os bens* de Esaú! 6. Quomodo quaesita sunt Esau, pervestigata *Como* são vasculhados os seus tesouros abscondita ejus? ocultados!

Ele confirma a frase anterior — que os idumeus debalde confiavam que seus haveres estariam a salvo por terem recônditos ocultos e profundos. Mesmo quando um país é saqueado pelos inimigos, os conquistadores não ousam ir a locais de perigo; quando há vielas, evitam-nas, pois acham que há algum mal intento. Dessarte esses, receando os lugares escondidos, pilham apenas aqueles que estão abertos, sempre refletindo bastante sobre se o avanço deles está seguro: mas a Iduméia, como dissemos, tinha recessos ocultos, pois suas rochas eram quase inacessíveis, e havia muita facilidade ali para esconder e ocultar seus tesouros. Porém, o Profeta diz que tudo isso seria inútil: e, para que mais eficazmente os estimulasse, fala com espanto, como de algo incrível: *Como são exploradas as coisas de Esaú, e exhaustivamente revistados seus lugares ocultos!* Quem podia ter imaginado isso? Porque eles podiam ter ocultado seus tesouros em rochas e cavernas, e daí rechaçado a seus inimigos. Mas todas as suas tentativas seriam em vão: como tal era possível? Aqui, então, ele desperta as mentes dos homens, para que reconhecessem o juízo de Deus; e, ao mesmo tempo, ri com desdém da vã confiança com a qual os idumeus estavam inchados; além do que, fortalece as mentes dos piedosos, para que não duvidassem de que Deus realizaria o que declara, pois ele pode de fato penetrar até no mais fundo.

Em resumo, o Profeta sugere que os fiéis não agiam com sabedoria se medissem a vingança de Deus, a qual pairava sobre os idumeus, por seu próprio entendimento ou pelo que comumente acontece; pois o Senhor faria uma busca cabal, de modo que nenhum esconderijo escaparia à sua visão; e então todos os tesouros deles ficariam expostos como presas aos seus inimigos. Aprendemos, por conseguinte, que, assim como os homens debalde procuram esconderijos para si para que fiquem a salvo de perigos, também debalde ocultam suas riquezas; pois a mão divina pode penetrar além do mar, da terra, do céu e do local mais profundo. Nada pois nos resta que não sempre oferecer a nós próprios e as nossas coisas todas a Deus. Se ele nos proteger sob suas asas, estaremos seguros em meio a incontáveis perigos; porém, caso pensemos que os subterfúgios ser-nos-ão de algum proveito, ludibriaremos a nós próprios. O Profeta agora adiciona —

Obadias 7,8

7. Todos os teus aliados te enviam *até* a 7. Usque ad terminum expulerunt te omnes fronteira: os que estavam em paz contigo viri foederis tui; deceperunt te, praevaluerunt enganaram-te, e prevaleceram contra ti; *os que* tibi, viri pacifici tui (viri pacis tuae;) viri panis

comem teu pão colocaram uma rede debaixo de tui posuerunt vulnus sub te: nulla est ti; *não há* inteligência nele. intelligentia in eo.

8. E não sucederá naquele dia, diz o Senhor, 8. Annon in die illa, dicit Jehova, perdam que aniquilarei os *homens* sábios de Edom, e o sapientes ex Edom? Et intelligentiam e monte discernimento do monte de Esaú? Esau? (hoc est, e monte Seir.)

Aqui o Profeta expressa a maneira pela qual Deus puniria os idumeus: ao confiar em suas alianças, eles menosprezavam a Deus, como já tínhamos observado. O Profeta ora revela que está no poder de Deus transformar as mentes dos homens, de modo que aqueles que eram amigos ficassem repentinamente inflamados de fúria e partissem para destruir os idumeus. Visto pois que não apenas considerassem os assírios como um escudo, mas também uma defesa contra o próprio Deus, o Profeta declara aqui que, quando fosse do propósito divino castigá-los, não haveria necessidade de mandar chamar de longe agentes ou instrumentos para executar a vingança daquele; pois Deus armaria os próprios assírios e os caldeus, na medida em que pode mudar os corações dos homens como lhe agrada. Percebemos agora o que o Profeta quis dizer: pois ele aqui tira e sacode a vã confiança dos idumeus, para que não se endurecessem por estarem fortalecidos por acordos e por possuírem amigos poderosos, pois o Senhor transformaria esses em inimigos. À *tua fronteira*, ele diz, *eles te conduzirão*. שַׁלַח *shalach* é propriamente expedir ou jogar fora; alguns vertem-no, eles seguiram; como se o Profeta aqui falasse das nações vizinhas, e segundo o parecer deles o sentido é: “Por mais que teus vizinhos gostem de ti, todavia, não demonstrarão coisa alguma desse amor, porém, seguir-te-ão com lágrimas fingidas quando teus inimigos te levarem embora em cativeiro”. Contudo, esta é uma explicação forçada, que não corresponde ao contexto. O Profeta então descreve aqui, não duvido, a mudança, tal como ocorreria, para que os idumeus soubessem que confiavam debalde em seu poder e defesas. *Os homens de teu pacto*, diz, *expulsaram-te*; como se dissesse: “Veja o que tu ganhaste em sofregamente buscar a amizade daqueles que, todavia, serão teus inimigos; permaneceu tu quieto em tuas fendas, teria sido muito melhor para ti: porém, agora tu correste para a Assíria e a Caldéia, e tal será a causa de tua ruína. Por isso, os homens de tua aliança banir-te-ão para a fronteira: mas, se tu não tivesse tido nenhuma amizade ou comércio com eles, poderias ter vivido em segurança em teus recônditos, ninguém teria te desalojado: justa, então, foi a recompensa de tua ambição, por haverem assim recorrido aos assírios e caldeus”.

Dando continuidade ao mesmo assunto, o Profeta diz: *Enganaram-te os homens de tua paz* — amigos e confederados; pois os hebreus denominam de homens de paz aqueles que estão ligados por alguma espécie de aliança. Então, *os homens de tua paz*, ou seja, aqueles em que pensaste poder ter fé, e de quem dependias; estes te trapacearam, precisamente esses prevaleceram contra ti, oprimindo-te através da astúcia e da traição. *Os homens do teu pão puseram sob ti uma chaga*: os homens de pão eram aqueles que eram hóspedes ou amigos. Alguns dão esta tradução: “Quem come teu pão”; e é uma interpretação admissível, pois os assírios e caldeus, visto serem insaciáveis, haviam tomado despojo dos idumeus; pois todos de quem buscassem ter amizade deviam lhes trazer alguns presentes. Dado pois que vendiam desse modo a amizade deles, o Profeta corretamente chama de os homens do pão aqueles cuja riqueza e bens devoravam. Se então tomarmos os homens de pão nessa acepção, há uma probabilidade no sentido. Mas podemos dar uma outra interpretação, como se ele houvesse dito que eles eram convidados e amigos: estes pois *cravaram debaixo de ti uma ferida*, isto é, eles foram a tua destruição, e isso mediante logro e artimanhas ocultas. Quando alguém ataca outro abertamente, aquele que é atacado pode evitar o golpe; porém, o Profeta diz que os assírios e caldeus seriam pérfidos para com os idumeus, para os conquistar através da aleivosia. Prepararão *eles* então *uma ferida sob ti*, como ao se esconder uma adaga entre a cama e o lençol quando uma pessoa pretende ir dormir. Assim também ele diz que um ferimento está colocado debaixo, quando um amigo fingido se oculta, para que ele mais facilmente machuque quem ele ataca cavilosa e maliciosamente.

Ele finalmente conclui, desta maneira: *Não há inteligência nele*. Aqui o Profeta, sem dúvida,

indiretamente mofa da tola confiança com a qual os idumeus estavam cegados; pois se achavam ser prudentes em grau superlativo, de forma que não tinham razão para ter medo, visto como podiam ver de longe e dispor seus negócios com a máxima prudência. Então, porquanto julgassem que sobrepujavam em sabedoria, não podendo ser surpreendidos por manha alguma, o Profeta aqui diz que não existiria neles entendimento.

Contudo, ele imediatamente adiciona no fim a razão: “Naquele dia, diz Jeová, não destruirei, ou extinguirei, os sábios de Edom?” Enquanto os idumeus eram prósperos, porque agiam com sabedoria, era incrível que pudessem assim, em um instante, ser derrotados: mas o Profeta diz que até isso estava na mão e no poder de Deus. “Não posso eu”, diz, “por termo a tudo que há de sabedoria nos idumeus? Não posso eu destruir todos os seus homens prudentes? Isto eu farei”. Percebemos agora, pois, a significação das palavras.

Porém, este ponto merece nota: o Profeta repreende os idumeus, dizendo que seus confederados e amigos provariam ser a ruína deles, pois que haviam conspirado entre si além do que era justo e reto. Quando os homens se ajuntam mutuamente assim, não há nenhum deles que não procure avidamente o próprio interesse; entretentes, ambos os lados são embaídos, pois Deus frustra seus conselhos e destrói a deliberação, porque não estimam o fim certo. E quando os ímpios procuram amizades, sempre misturam algo que é errado, ou tentando lesar o inocente, ou visando a algum trunfo. Todos os acordos que os ímpios e desprezadores de Deus fazem um com outro, então, têm sempre algo vicioso entremeado; portanto, não é de se admirar que o Senhor impeça que a esperança deles tenha êxito, amaldiçoando seus conselhos. Esse então é o motivo por que o Profeta declara aos idumeus que aqueles que eles pensavam ser seus melhores e mais fiéis amigos seriam a ruína deles.

Mas aqui se pode objetar dizendo que a mesma coisa acontece com os filhos de Deus. Pois Davi, ainda que agisse para com todos com extrema fidelidade e com a maior sinceridade, não obstante se queixa de que o homem de sua paz e amigo tramou contra ele muitas falcatruas: ‘Levantou seu calcanhar contra mim,’ ele diz, ‘o homem de minha paz; eu comia sim pão junto com ele, e ele comigo,’ (Sl 41.9). Era necessário também que tal se desse com o próprio Cristo. Ora, se os filhos de Deus devem ser conformados à imagem de Cristo, o que o Profeta diz não é mais do que o que se aplica à toda Igreja, bem como a todo membro dela. Isso pode parecer estranho à primeira vista; porém, uma solução pode ser dada facilmente: pois, embora lutemos para manter a paz com todos os homens, conquanto perfidamente, mediante traição, oprimam-nos, o Senhor mesmo, todavia, auxiliar-nos-á; e, no meio-tempo, por mais dura que essa prova seja, não obstante, sabemos que nossa paciência é experimentada por Deus, que ele pode no fim nos libertar, para que confiantemente fujamos para ele e testifiquemos nossa sinceridade. Mas, enquanto os ímpios se trapaceiam mutuamente, enquanto com ímpios e tortuosos artifícios oprimem e burlam um ao outro, enquanto projetam sua virulência oculta, enquanto transmutam paz em guerra, eles sabem que o seu galardão é justo e merecido: não podem fugir para Deus, pois a consciência deles os tolhem. Eles deveras entendem que merecem o que o Senhor com justiça lhes retribuiu. Não é, pois, de se admirar que a conspiração na qual os idumeus confiavam, quando fizeram dos caldeus seus amigos, deveria ter sido amaldiçoada; pois o Senhor tornou em ruína para eles tudo o que julgavam útil para si próprios.

Essa, então, é a significação do todo: que, se não quisermos ser burlados, nada devemos tentar sem um coração reto. Contanto, pois, que não excedamos os limites de nossa vocação, cultivemos paz com todos os homens, empenhemo-nos em fazer o bem a todos os homens, para que o Senhor nos abençoe; porém, se for do propósito dele provar a nossa paciência, ele ainda estará presente conosco, mesmo que falsos amigos nos experimentem por suas perfídias, mesmo que sejamos levados ao perigo pela malícia deles e por um tempo pisados sob seus pés; se, ao invés disso, agirmos de má-fé, julgando que temos alianças favoráveis, as quais nos foram obtidas por ímpias e nefastas velhacarias, o Senhor voltará para a nossa destruição tudo o que pensarmos ser para a nossa segurança.

Devemos agora observar o que o Profeta diz: *Não destruirei eu naquele dia os sábios de Edom?* Malgrado serem cegos em muitos aspectos os que Deus não guia pelo seu Espírito, sobre os quais não refulge com sua palavra, todavia, a pior cegueira é esta, quando os homens ficam inebriados com a falsa convicção de sabedoria. Logo, quando alguém se acha dotado de inteligência, de modo que consegue perceber tudo o que é necessário, não podendo ser iludido, sua sabedoria é insanidade e loucura extrema: certamente, ser-nos-ia melhor ser idiotas e tolos do que ficar inebriados dessa forma. Visto pois que os sábios deste mundo são insanos, o Senhor declara que eles não terão ciência nenhuma quando o tempo da provação vier. Deus realmente permite aos ímpios que, por um longo período, congratulem-se devido à própria perspicácia e conselhos, como aturou que os idumeus continuassem em prosperidade. E há também muitos nos dias que correm que se congratulam com seus êxitos, quase adorando a própria esperteza. Quem de fato consegue persuadir os venezianos de que há noutra lugar sabedoria perfeita que não entre eles, pela qual deveras ultrapassam a todos os outros em fraude? Por nenhuma outra razão eles, entre muitas discussões, mantêm sim a sua posição, parecendo examinar mais a fundo o que é para o próprio lucro; não somente isso, mas aqueles reis em geral até duram e continuam a salvo em meio a muitas agitações, atribuindo isso à própria sapiência: “Caso eu não tivesse aí examinado bem os meus negócios, caso eu não tivesse me antecipado ao perigo, e caso eu não tivesse previsto isso, a minha condição estaria todo acabada”. Pensam assim dentro de si: mas o Senhor finalmente os cega, para que fique evidente que isto que foi anteriormente dito aos idumeus não foi em vão: *Não vou naquele dia, diz Jeová, etc.* e foi enfaticamente acrescentado, *naquele dia:* pois o Profeta quer dizer que não era de se maravilhar que os idumeus até então houvessem sido cautelosos e adotado o melhor conselho; pois não era intenção do Senhor privá-los de sabedoria; mas quando o tempo azado da desforra chegasse, ele, em um instante, tiraria toda prudência que neles existisse; pois, em realidade, está na mão de Deus remover seja o que for que haja de entendimento ou perspicácia nos homens.

Porém, somos avisados por essas palavras de que, se nos sobressairmos em entendimento, não devemos abusar desse singular dom divino, como vemos se dar com os ímpios, os quais tornam em esperteza toda sabedoria que Deus lhes há conferido. Dificilmente se encontra um em cem que não busque ser ladino e caviloso quando sobrepuja em entendimento. Eis uma coisa muito lamentável. Que grande tesouro não é a sabedoria? Todavia, vemos que o mundo perverte esse excelente dom divino: mais razão há para labutarmos para que a nossa sabedoria seja encontrada em verdadeira simplicidade. Isso é uma coisa. Depois, devemos também nos acautelar ao confiar em nossa própria inteligência e desprezar nossos inimigos, julgando que podemos nos precaver contra todo mal que paire sobre nós; mas sempre busquemos do Senhor, para que sejamos favorecidos em todos os tempos com o espírito de sabedoria, para que sejamos guiados até o final de nossa vida; uma vez que ele pode, a qualquer momento, tirar de nós tudo o que nos houver dado, expondo-nos assim à vergonha e ao opróbrio.

Quando ele diz, *do monte Sião*, quer dizer o monte Seir, como já vos lembramos. Contudo, pretendia destacar todo o país deles, pois estavam quase que completamente cercados de montanhas, e moravam, como é bem conhecido, naquela Arábia denominada Pétreia.¹¹ Segue-se —

Obadias 9

9. E os teus *homens* valentes, ó Temã, ficarão 9. Et deficient (vel, frangentur) fortes tui,

11 O geógrafo Ptolomeu de Alexandria, que escreveu no século II a.C., é o autor da divisão da Arábia em três partes: Arábia Félix (feliz, ou fértil), Arábia Pétreia (pedregosa) e Arábia Deserta. A primeira é o que hoje conhecemos como Iêmen; a segunda (também chamada de Arábia Nabatéia) constituía o distrito entre o Mar Vermelho e o Mar Morto, tendo Petra por capital; a terceira, o ângulo que se projeta para os limites do norte, denominado deserto da Síria. (Fontes: <http://www.livius.org/ap-ark/arabia/arabia.html#incense>, acessado em 15/07/08; e *Dicionário da Bíblia*, de John D. Davis (JUERP, 1990.)) (N. do T.)

aterrorizados, a fim de que do monte de Esaú Theman, ut excidatur vir e monte Esau prae
seja cada um exterminado pelo morticínio. occisione (vel, quia excidetur; למען enim
postest duobis modis exponi.)

O Profeta, após haver falado de uma das formas da vingança de Deus, adiciona uma outra: aquela pela qual esse arruinaria todo o poder que houvesse na Iduméia: e, desse modo, revela que a coragem e a força dos homens, bem como seu entendimento, estão na mão de Deus. Então, assim como este dissipa e destrói, sempre que lhe apraz, toda sabedoria que haja nos homens, assim também debilita e quebranta seus corações: em uma palavra, priva-os de todo vigor, de modo que fracassam e são reduzidos a nada. Se aqueles que se orgulham de seu poder e conselhos ponderassem sobre isso corretamente, aprenderiam finalmente a se submeter a Deus em verdadeira humildade. Porém, esta verdade é algo em que o mundo não pode ser levado a crer: não obstante, Deus nos mostra aqui, como em uma figura, que, por mais que os homens prosperem por um tempo, eles desvanecer-se-ão de imediato caso ele não os sustente e não corrobore seus dons neles, mantendo-os em sua inteireza; e, em especial, aquela fumaça vazia é tudo que aparenta ser o entendimento e a força nos homens,¹² uma vez que o Senhor pode facilmente retirar ambos, sempre que lhe agrada.

Portanto, devemos observar cuidadosamente o que ele diz aqui: *Sucumbirão teus bravos, ó Temã*. Acham alguns que um país em particular está indicado aqui, pois Temã é o sul, isto é, em relação à Judéia. Mas como Temã, sabemos, era um dos netos de Esaú (Gn 36.15) e como parte da Arábia era chamada por esse nome, é mais provável que o Profeta volte seu discurso aqui para a Iduméia. Porém, quanto à palavra Temã, trata-se de uma parte tomada pelo todo.

Pois cortado, diz, será o homem: ao dizer, *cortado o homem*, significa que tudo de um homem seria destruído. Como? *pela carnificina*¹³. Mas קהל *katel* denota uma matança na qual ninguém permanece vivo. Por conseguinte, percebemos o que o Profeta quer dizer: que todos os idumeus ficariam tão destruídos que tudo cairia, pois não haveria coração nem força para resistir. Segue-se então —

Obadias 10,11

10. Devido à violência *perpetrada* contra teu irmão Jacó, cobrir-te-á a vergonha, e serás exterminado para sempre. **10.** Propter oppressionem fratris tui Jacob, operiet te opprobrium, et excideris in perpetuum.

11. No dia em que tu estiveste do outro lado, no dia em que os estrangeiros levaram a cativo o seu exército, e os estranhos entraram por seus portões, e deitaram sortes sobre sortem, etiam tu quasi unus ex illis. **11.** Die quo stabas ex opposito, die quo alieni auferent substantiam ejus, et extranei ingressi sunt portas ejus, et super Jerusalem miserunt sortes, etiam tu quasi unus ex illis. Jerusalém, tu mesmo *eras* como um deles.

Aqui o Profeta expõe o porquê Deus procederia tão severa e terrivelmente com os idumeus. Tivesse ele simplesmente profetizado a destruição deles teria sido uma coisa importante, uma vez que os judeus, com isso, teriam sabido que a ruína daqueles não era por acaso, mas pelo flagelo divino; teriam sabido que eles mesmos, juntos com os outros, eram castigados por Deus, e isso lhes teria sido uma profícua instrução: contudo, o que os levava à consolação maior era ouvir que eram tão queridos por Deus que ele se encarregaria da defesa das ofensas contra eles e os vingaria, tendo

12 Alusão a Tiago 4.14 (N. do T.)

13 Essa palavra tem sido deslocada para o versículo seguinte por alguns críticos, mas, ao que nos parece, não com razões bastantes, vez que nada há no contexto que demande semelhante alteração. (N. do E. inglês.)

consideração pela segurança desses. Portanto, quando ouviram que Deus, por os ter amado, puniria os idumeus, era-lhes, sem dúvida, um conforto inestimável em suas calamidades. A esse assunto o Profeta vai agora.

Pela injusta opressão de teu irmão Jacó, etc. A palavra **חָמָס** *chamas*, violência, tem de ser compreendida passivamente, como se ele dissesse: “Vê, como tu agiste para com teu irmão Jacó”. E ele o chama de irmão dele, não por causa da honra; ao contrário, chama-o com o fito de declarar de forma mais completa a crueldade dos idumeus; pois a consangüinidade não tivera nenhum efeito para os impedir de se enfurecerem contra os próprios irmãos e, no modo de dizer, contra as próprias entranhas. Conseqüentemente, era prova de desumanidade bárbara os idumeus, olvidando a natureza comum com aqueles, houvessem ficado tão inflamados contra seus irmãos; pois, como é bem conhecido, tinham descendido do mesmo pai comum, Abraão, bem como Isaque, tendo o símbolo da circuncisão. Os idumeus deveras professavam ser os descendentes de Abraão e o povo peculiar de Deus. Dado então que esse celebrara seu pacto com o pai comum deles, Isaque, e dado que igualmente preservavam a circuncisão, a qual era o selo de tal concerto, como acontecera de os idumeus se conduzirem tão cruelmente para com seus irmãos? Daí vemos que o nome do irmão nesta oração – *pela opressão de teu irmão Jacó* – é mencionado com a finalidade de intensificar o crime deles.

Então, diz ele, como tu foste tão violento contra teu irmão, *cobrir-te-á o vitupério, e para sempre serás cortado*. Sugere que a calamidade não seria apenas por um tempo, como no caso de Israel, mas que o Senhor executaria uma punição tal que provaria que os idumeus estavam alheados dele; pois Deus, ao castigar sua Igreja, sempre observa certos limites, visto que jamais esquece sua aliança. Ele de fato prova que os idumeus não eram seu povo, por mais que falsamente se jactassem de serem os filhos de Abraão, invocando o sinal da circuncisão: não era então de se espantar que a circuncisão deles, a qual haviam impiamente profanado, tornou-se sem valor. Mas ele, posteriormente, desenvolve mais completa e amplamente a mesma coisa.

No dia, diz, em que ficaste do lado oposto. Porém, os idumeus podiam ter feito esta objeção: “Por que tu nos acusa de haver oprimido violentamente o nosso irmão? Pois não fomos a causa de serem eles destruídos: tinham esses uma querela com os assírios, labutamos para proteger o nosso interesse no meio desses distúrbios; procuramos a paz com os assírios e, se a necessidade assim nos compeliu, tal não deve ser imputado a nós como crime ou culpa”. Dessa maneira, os idumeus podiam ter se defendido: contudo, o Profeta dissipa todos os pretextos do tipo ao dizer: *No dia em que tu ficaste do lado oposto, no dia em que estranhos roubaram seus bens, e forasteiros entraram por seu portões, e lançaram sortes sobre Jerusalém – não estavas tu ali? Tu mesmo eras como um deles.* Agora isso é enfaticamente introduzido – *Precisamente tu* ou, também tu; (*Tu etiam*) pois o Profeta exhibe isso aqui como um presságio odioso: “Não era de se admirar que os assírios e caldeus derramassem o sangue de teus irmãos, pois eram inimigos, eram estrangeiros, eram um povo distante; mas tu, que eras do mesmo sangue, tu, a quem o vínculo da religião devia ter contido, e mais, exatamente tu, que devias, pela própria alegação de vizinhança, ou ter ajudado teus irmãos, ou no mínimo expressar a eles condolências – sim, tu foste tão cruel que foste com um de seus inimigos: seguramente isso não pode de jeito algum ser tolerado”.

Percebemos agora o que o Profeta quis dizer ao falar *no dia em que tu ficaste do lado oposto*: é então, por assim dizer, uma explicação da sentença anterior, para que os idumeus não dessem uma falsa desculpa objetando que não haviam sido violentos contra os irmãos deles. Foi de fato a pior opressão quando se colocaram em oposição a eles; ainda que não estivessem armados, tiveram prazer em um tão lúgubre espetáculo; ademais, não somente foram espectadores ociosos da calamidade de seus irmãos, mas também, por assim dizer, uma parte de seus inimigos. “Não foste tu como um deles?” Não prosseguirei mais por ora.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, como tu outrora nos recebeste sob tua proteção, e prometeste que nossa salvação seria tão querida por ti que, seja o que for que Satanás e o mundo todo tramassem, todavia, guardar-nos-ia a salvo e seguros – ó, permita que, sendo dotados de perseverança, permaneçamos dentro de nossos limites, não sendo levados para cá e para acolá, seja por astúcia, seja por conselhos ímpios; mas apraza a ti nos guardar em genuína integridade, para que, estando protegidos por teu amparo, descubramos, por experiência, ser real o que tu declaraste em tua palavra, que aqueles que te invocam em verdade sempre conhecerão que lhes é propício; e, porquanto já nos abriste um acesso a ti na pessoa de teu Filho unigênito, ó outorgue que nós, as ovelhas, confiemos nele como nosso pastor, resignadamente continuando debaixo de sua proteção até que sejamos afastados de todos os perigos para aquele repouso eterno, o qual obtiveste para nós pelo sangue de teu Filho Jesus Cristo. Amém.

SEPTUAGÉSIMA-PRIMEIRA DISSERTAÇÃO

Obadias 12-14

12. Porém, tu não devias ter contemplado o dia de teu irmão, o dia da sua calamidade, nem te alegrar sobre os filhos de Judá no dia de sua ruína, nem ter uma boca grande no dia da aflição.

13. Tampouco entrar pelo portão do meu povo no dia da calamidade dele. Sim, tu não devias olhar *com prazer* para a sua dor no dia de sua catástrofe; e não devias lançar *a mão* em seus bens no dia de seu desastre;

14. Nem te postar nas bifurcações dos caminhos para exterminares os fugitivos; nem entregar os sobreviventes no dia da angústia.

12. Et non aspicias in die fratris tui, in die aientationis ejus, et ne gaudeas super filiis Jehudah die exitii eorum, et ne magnifices os tuum in die afflictionis (hoc est, ne magnifice loquaris.)

13. Ne intres in portam populi mei die exitii eorum, ne aspicias etiam tu in afflictione ejus, (in malo ejus,) in die exitii ejus, et ne extendas (manum subaudiendum est) in substantiam ejus in die exitii ejus;

14. Et ne stes super exitum (vel, lacerationem, confractionem,) ad perdendum eos qui evaserint, et ne tradas (vel, concludas) residuos ejus in die afflictionis.

O Profeta enumera aqui os tipos de crueldade que os idumeus praticaram contra a Igreja de Deus, os filhos de Abraão, seus próprios parentes. Mas ele fala à guisa de proibição; então, é uma personificação, pela qual o Profeta introduz Deus como o orador, como se os ensinasse e admoestasse sobre os deveres da bondade humana. Sem dúvida, todos esses deviam estar gravados nos corações deles, em virtude do que ele agora os reprobra; pois, ao se esquecerem da humanidade eles haviam se apartado de tudo de reto que a natureza exige. Deus, de fato, não principia instruindo ou ensinando os idumeus sobre qual eram as obrigações deles; porém, o Profeta os lembra de coisas que lhes deviam ter sido bem conhecidas e que eram, indiscutivelmente, verdadeiras.

Sendo assim, ele diz: *Tu não devias ver como expectador o dia de teu irmão, o dia de sua alienação.* Ele denomina o dia de Judá aquele em que Deus visitou a esse: assim, o dia de Jerusalém é chamado o dia de calamidade. *Tu, então, não devias contemplar:* conhecemos em que sentido este verbo, contemplar, é geralmente compreendido nas Escrituras; é aplicado aos homens quando eles esperam em emboscada, ou mui ansiosamente desejam alguma coisa, ou se regozijam com o que testemunham. O Profeta indubitavelmente a entende de modo metafórico, como deleitando-se na miséria do povo eleito; pois, logo em seguida, repete a mesma palavra. *Tu não devias,* pois, *contemplar o dia de teu irmão,* precisamente *o dia da alienação dele.* Alguns a tomam em outro sentido; porém, aprovo a opinião dos que consideram tal alienação como significando exílio; entretanto, não fornecem a razão para esta metáfora, qual seja, esta: que semelhante mudança, então, teve lugar no povo, que esse adotou uma nova aparência. Foi, pois, alienação quando Deus suprimiu totalmente a glória do reino de Judá e tirou todas as suas mercês, de modo que a aparência do povo ficou disforme. *No dia, então, de sua alienação,* ou seja, quando o Senhor o despiu de sua antiga dignidade.

Tu não devias te regozijar, diz, *sobre os filhos de Judá, no dia da sua destruição,* ou seja, da ruína deles: “tu não devias alargar tua boca no dia da aflição”. Percebemos agora o que o Profeta quer dizer. Realmente, apesar de aqui ele dar a impressão de mostrar aos idumeus o seu dever, todavia, condena-os por terem negligenciado todas as leis de humanidade e de terem sido fascinados pelo próprio orgulho e crueldade. Por esta razão, segue-se que eles eram dignos daquela terrível vingança que ele já mencionara. Então, caso os idumeus se queixassem de que Deus os tratara com excessiva severidade, o Profeta aqui os lembraria de que, de muitas maneiras, eles

procuraram a ruína para si mesmos – por quê? “Não te deleitaste com a calamidade de teu irmão? Não riste quando Judá estava em agonia? E não falaste com arrogância, ridicularizando? Essa humilhação deve ser tolerada? Pode agora o Senhor te poupar, visto teres sido tão cruel para com teu irmão?” E ele repete o nome de irmão, pois o crime era o mais atroz, como já foi dito, porquanto não demonstraram respeito algum por aqueles do próprio sangue deles. Porém, o Profeta amiúde cita, ou aflição, ou ruína, ou calamidade, ou males, ou adversidade; pois é um sentimento implantado de forma natural em nós, que, quando alguém é atormentado, fiquemos tocados pelo dó; até quando vemos nossos inimigos serem prostrados ao chão, nosso ódio e cólera se apagam ou, pelo menos, são debelados: e mesmo todos os que vêem seus inimigos maltratados tornam-se, por assim dizer, outros homens, isto é, largam a ira com a qual estavam outrora inflamados. Como então isso é o comum a quase todos os homens, fica óbvio que os idumeus devem ter sido duas ou três vezes bárbaros quando se exultaram com a calamidade de seus irmãos, comprazendo-se em um espetáculo tão triste e tétrico, falando mesmo altivamente e debochando dos miseráveis judeus; pois esse, como dissemos, é o sentido das palavras, alargar a boca.

Segue-se: *Tu não devias entrar pelos portões de meu povo no dia da sua destruição, nem contemplar o desastre deles.* Provavelmente os idumeus fizeram uma irrupção em companhia dos assírios e caldeus, embora devessem ter ficado em casa, lamentando ali a chacina de seus irmãos. Pois, se não consigo salvar meu amigo da morte ou de uma tragédia, devo, não obstante, retirar-me, pois não agüento contemplá-lo: mas, fosse eu constringido a assistir a meu amigo, sendo incapaz de o socorrer em sua necessidade, preferiria cerrar meus olhos; pois há nos olhos, sabemos, a mais terna simpatia. Como, pois, os idumeus de moto próprio partiram e adentraram Jerusalém com os inimigos, ficou por isso patente que não eram melhores do que as bestas selvagens. *Tu não devias, então, diz ele, entrar pelos portões do meu povo no dia do massacre, nem, especialmente, observá-los então.* Ele repete ainda **אַתָּה גַּם** *gam 'attah*, tu também, ou, tu em especial: “Se outros vizinhos fizessem isso, todavia, tu deverias se abster, pois és do mesmo sangue; se não podes levar adjutório, pelo menos manifeste algum sinal de luto e simpatia: contudo, tu voluntária e alegremente assististe às calamidades dele, é bem patente que inexistente em ti uma partícula de reto sentimento.”

Ele depois adiciona: *Tu não devias estender tua mão à riqueza dele.* Aqui ele acusa os idumeus de estarem implicados na captura dos despojos com os outros inimigos, como se dissesse: “Não somente permitistes que vossos irmãos fossem pilhados, mas vós mesmos virastes ladrões. Devias ter sentido lamentação ao vê-los afligidos pelos inimigos estrangeiros; mas saqueastes com esses, enriquecendo-vos com despojos; decerto tal não será aturado de jeito nenhum”.

Segue-se: *E tu não devias ficar na saída.* A palavra **פֶּרֶק** *perek* significa quebrar, dissipar, rasgar; portanto **פֶּרֶק** *perek* em hebraico, quando substantivo, denota rasgar e quebrar. Por conseguinte, alguns o consideram metaforicamente como um lugar onde duas vias se encontram, quando uma estrada é cortada ou dividida em duas. Quando as duas se encontram, então, há uma saída por dois caminhos; dessarte, tomam **פֶּרֶק** *perek* por um lugar. Porém, podemos simplesmente considerá-lo como o despedaçamento do povo. Ainda que certamente me agrada a primeira explicação, todavia, não limito a palavra a tal significado; e prefiro a idéia de saída, dado que se harmoniza melhor com o contexto: Tu, então, *ficaste na saída*; e com que propósito? *Destruir aqueles que haviam escapado, e deter ou entregar seu remanescente cativos no dia da aflição.* Em resumo, o Profeta quer dizer que os idumeus ocuparam todas as vias para interceptar os miseráveis exilados, aos quais a fuga era o único meio de segurança.

Como então os miseráveis judeus tentavam, por saídas sinuosas, prover para a própria segurança, o Profeta diz que eles foram interceptados pelos idumeus, para que nenhum deles escapasse, sendo parados para que, em seguida, fossem assassinados por seus inimigos. Considerando que os assírios e caldeus eram um povo mui longínquo da Judéia, é provável que as estradas lhes fossem desconhecidas, e que tivessem receio de serem apanhados em armadilha; mas os idumeus, que estavam bem familiarizados com todas as estradas deles, podiam se postar em

todas as saídas. Alguns fornecem a seguinte explicação, mas é por demais frígida: *Tu não devias ficar de pé pelo despedaçamento de teus irmãos*, isto é, tu não devias permanecer parado, mas lutar para estender uma mão ajudadora aos aflitos; mas isso, como eu disse, é demasiadamente frígido e forçado. *Tu não devias* então ficar na saída *das estradas para destruir*. Percebemos agora o que o Profeta tinha em vista; destruir, ele diz, e a quem eles destruíram? Precisamente aqueles *que já haviam escapado*. Expressamente, então, é assinalada aqui a crueldade a que eu aludi, que os idumeus não se contentaram com a ruína da cidade e a grande carnificina que fora perpetrada; porém, caso alguém tivesse furtivamente escapado, eles ocupavam as saídas das estradas para que não pudessem fugir: e a mesma coisa se quer dizer quando acrescenta que eram atraídos ou detidos todos os que tinham permanecido vivos no dia da aflição.

Compreendemos agora sentido dado pelo Profeta: que os idumeus não podiam reclamar que Deus foi severo demais quando ele os reduziu a nada, pois que haviam dado exemplo de extrema crueldade para com seus próprios irmãos, em um período em que seus flagelos deviam ter obliterado todo ódio e toda inimizade antiga, como normalmente se dá mesmo com um homem o mais alheio em relação ao outro. Continuemos —

Obadias 15

15. Pois que o dia do Senhor está próximo, **15.** Quia propinquus dies Jehovae super omnes sobre todas as nações. Como tu fizeste, assim se gentes; sicut fecisti fiet tibi; merces tua fará contigo: tuas ações recairão sobre a tua revertetur in caput tuum. própria cabeça.

Ao dizer que *o dia de Jeová estava perto sobre todas as nações*, pode-se considerar o Profeta como raciocinando do maior para o menor: “Se Deus não poupará as outras nações, como conseguirás tu escapar de sua mão?” De maneira semelhante fala Jeremias no capítulo 49, (Jr 49.12), dirigindo-se aos idumeus nestas palavras: ‘Eis, beberão do cálice os que não foram por julgamento condenados a beber; e tu não provarás? Por beber tu beberá até as próprias escórias’. Ele revela então que os idumeus mereciam uma vingança dobrada; pois, se realmente fossem comparados com os assírios e caldeus, o delito dos segundos pareceria pequeno: os caldeus podiam pretextar algumas causas pela guerra, eles eram forasteiros, eram, em suma, inimigos professos; porém, os idumeus eram vizinhos e parentes. O mesmo também podia se dizer de outras nações. Porém, as palavras podem ser explicadas de uma maneira mais simples, qual seja, que Deus não somente tomaria vingança sobre uma ou duas nações, mas sobre todas. “Vede”, ele diz, “uma mudança ocorrerá, não somente em uma área remota, mas no mundo inteiro. Desse modo, o Senhor demonstrará que é o juiz de toda terra. Segue-se daí que os idumeus também devem prestar contas, pois Deus resolveu executar juízo sobre todas as nações; nem uma só delas que seja será ignorada”.

Eis, então, *próximo está o dia de Jeová*. Dissemos que a época em que Obadias profetizou nos é desconhecida. Mas não é de se maravilhar que declare que *perto está o dia de Jeová*; pois o Senhor não se apressa segundo a maneira dos homens; mas, paralelamente, conhece suas estações, e isso sempre se realiza, para que, quando os ímpios se julgarem estar em descanso, a súbita destruição então os acometa.

Ele tira esta conclusão: *Como tu fizeste, também será feito contigo*. Entretanto, parece haver aqui uma comparação implícita entre o castigo do povo eleito e a punição que será infligida a outras nações. Quando os idumeus viram que o reino de Israel e Judá estava calcado sob o pé, imaginaram que os filhos de Abraão eram punidos daquela forma por haverem desprezado os seus Profetas, pois que se tornaram imorais e perversos ao extremo. Assim, eximiam a si e a outros do castigo. Ora, o Profeta declara que Deus fora o juiz de seu povo, mas que esse é também o juiz do mundo inteiro, e que isso se evidenciaria rapidamente. Portanto, quando ele disse que *próximo estava o dia de Jeová*, ele, não tenho dúvida, levava em consideração a punição da Igreja, como já falei; como se dissesse:

“Assim como Deus se provou ser alguém que com justiça pune os pecados relativos a Israel e Judá, assim também no final se assentará em seu tribunal para julgar todas as nações; logo, ninguém escapará do castigo. Todos, pois, em suas diferentes condições, serão constrangidos a prestar contas de suas ações, uma vez que o Senhor não poupará ninguém: e, embora comece com sua Igreja e com sua casa, todavia, virá em seguida o tempo azado para tomar vingança, quando estenderá sua mão para castigar todas as nações pagãs”. Tal me parece ser o real significado.

Corretamente, então, conclui: *Como então tu fizeste, ser-te-á feito*: “Não penseis que ficareis impunes por haverdes ido contra teu irmão. Era intenção de Deus exibir um exemplo de sua severidade para com outros enquanto te poupava: mas tu abusaste de sua paciência, pois podias ter permanecido quieto em casa: o Senhor então te recompensará”. E acrescenta no fim: *Teu pago recairá, ou retornará sobre a tua própria cabeça*. Aqui o Profeta anuncia o que Cristo também diz: ‘Com a medida com que alguém medir será retribuída a ele,’ (Mt 7.2.) Essa sentença é digna de nota: pois, quando Deus deixa o inocente ao arbítrio dos ímpios, estes acham que podem fazer o que desejam impunemente, como se fossem os verdugos dele. Como, pois, eles ficam insolentes assim quando o Senhor os poupa, prestemos atenção ao que o Profeta diz aqui: que um galardão está preparado para cada um e que, seja qual for a crueldade que os ímpios pratiquem, ela voltará sobre suas próprias cabeças. Segue-se —

Obadias 16

16. Porque, como vós bebestes no meu santo monte, *assim* beberão continuamente todas as nações; beberão e sorverão, e serão como se (inquam) et sorbebunt; et erunt quasi non sint. nunca tivessem existido. **16.** Quia sicuti bibistis super montem sanctum meum, bibent omnes gentes jugiter, bibent et sorbebunt; et erunt quasi non sint.

Aqui Obadias vai mais além, dizendo que Deus vingaria os agravos feitos à sua Igreja. A declaração do último versículo era genérica: “Eis, sobre todas as nações o dia de Jeová está perto; como pois tu fizeste, Deus retribuirá a ti”; mas agora ele revela que isso se daria porque Deus resolveu defender seus servos (*clientes* — clientes;) e, visto terem sido cruelmente tratados, tornar-se-ia ele o vingador de suas injúrias: *Como então tu bebeste sobre a minha santa montanha* etc. O Profeta, não duvido, tomando uma parte pelo todo incluiu no termo beber seus triunfos e alegrias. Assim como vós então regozijastes sobre meu monte santo, também todas as nações *beberão* e continuarão sua imoderação; *elas sorverão*, de modo que absolutamente perecerão. Porém, parece-me que o Profeta inegavelmente adiciona aqui uma prova da avareza delas. Ele antes acusara concisamente os idumeus de terem tirado parte do despojo, junto com as nações estrangeiras, enquanto os miseráveis judeus eram saqueados. De igual forma, diz, *vós bebestes*, em sinal de êxito e regozijo.

Vós então bebereis vinho em minha santa montanha: agora beberão todas as nações. Este último beber deve ser tomado em sentido diferente do primeiro. Qual, pois? *Beberão, e sorverão*, ou seja: “Elas consumirão toda vossa riqueza”. E em seguida acrescenta: *E beberão elas continuamente; e serão como se não houvessem sido*, isto é, não cessarão de comer e beber até consumir tudo que esteja entre vós. Ele então sugere que os idumeus, que se tinham enriquecido com a rapina de seus irmãos, e que também fizeram festas em sinal de júbilo na montanha santa, seriam doravante o alimento de outros, *pois todas as nações beberão, e os sorverão*. Beber aqui, então, é o mesmo que consumir. Segue-se, (pois estou sob a necessidade de terminar essa profecia hoje, e o tempo me permitirá, espero) —

Obadias 17

17. Contudo, sobre o monte Sião haverá livramento, e ele será sagrado; e a casa de Jacó sanctitas (nempe mons ipse;) et possidebit **17.** Et in monte Sion erit evasio, et erit sanctitas (nempe mons ipse;) et possidebit

possuirá as suas herdades!

domus Jacob possessiones suas (alii vertunt, eos
a quibus possidebantur.

O Profeta aqui promete libertação aos judeus, pois outras consolações não teriam sido de grande importância não tivessem eles – que no momento estavam perecendo – alguma esperança de serem uma hora restaurados à segurança. Certamente os judeus podiam ter objetado, dizendo: “O que é isso para nós, mesmo que o Senhor vingue as injúrias feitas a nós? Caso os idumeus sejam destruídos por nossa causa, que proveito teremos? No entretanto, somos destruídos, não tendo esperança alguma de livramento”. O Profeta vai aqui de encontro a tal objeção, e diz: *No monte Sião haverá escapatória*. Então, conquanto os idumeus houvessem tentado interceptar todas as saídas, como foi antes citado, todavia, Deus promete aqui que haveria uma saída no monte Sião: não diz, do monte Sião, mas na própria montanha. O que isso significa? Precisamente que Deus restauraria aqueles que podiam então parecer estar perdidos. Obadias então promete, de modo claro, que haveria uma restauração da Igreja.

Contudo, somos ensinados nesse ponto que a punição, pela qual o Senhor castiga seu povo pelos pecados, é sempre por um período. Todas as vezes, pois, que Deus fere sua Igreja, simultaneamente, o remédio é preparado; pois não pretende nem permite que seu povo seja de todo perdido. Podemos saber disso pelas palavras do Profeta quando esse diz que haveria escapatória em Sião. E isto não era conforto ordinário para os judeus conhecerem: até na extrema decadência deles restar-lhes-ia ali alguma esperança de remissão, e que o povo (que na ocasião podia aparentar estar extinto), não obstante, seria salvo e preservado com vida, como se ressurgisse dos mortos.

Ele diz que o monte Sião *seria santidade* ou santo, pelo que quer dizer que Deus seria cioso de seu concerto. Como então elegera esse o monte Sião como o local onde seria adorado, o Profeta dá a entender que o nome divino não estava lá envolvido de forma presumida ou vã. Visto como Deus escolhera esse monte para si, ele era santo; já que se diz ter Deus profanado a terra e o templo quando os abandonou e os entregou nas mãos dos inimigos. Assim também agora, quando o Profeta diz que o monte Sião seria santo, é o mesmo que se houvesse dito que Deus teria zelo por essa montanha porque outrora a consagrara para si mesmo, designando-a para ser a sua habitação. A causa, pois, é aqui colocada no lugar de seu efeito. Ele dissera que os judeus sobreviveriam, por mais que estivessem como os perdidos e mortos por algum tempo – e como se daria tal coisa? A razão é esta: o monte Sião será santo. Foi uma terrível profanação do monte Sião quando o templo foi destruído, quando os santos vasos foram roubados pelos babilônios, quando, em suma, os inimigos manifestaram toda sorte de insolência lá. Mas quando o Senhor restaurou o povo, quando o altar foi novamente erigido e os sacrifícios oferecidos, então o monte Sião recuperou sua santidade, isto é, Deus manifestou que a graça de sua eleição não fora abolida, pois outra vez santificara o monte Sião, planejando assim que fosse preservado a salvo. *Santo* pois *será o monte Sião*. Caso alguém estivesse disposto a rebuscar mais as palavras do Profeta, poderia dizer que, obviamente, é na maneira de nossa salvação que se pensa quando se diz que Deus nos santifica ou governa pelo Espírito dele: porém, o Profeta, não tenho dúvidas, atentava aqui simplesmente à eleição divina.

E a casa de Jacó possuirá de novo suas possessões, isto é, seja o que for que Deus haja dado como herança aos filhos de Abraão, restaurar-lhes-á quando voltarem do exílio. Se alguém preferir entender possessões como sendo aquelas de Edom, eu não objeto. No entanto, acho que o real significado dado pelo Profeta é que, quando os filhos de Israel retornassem do desterro, Deus lhes restauraria o antigo país, para que possuíssem tudo o que havia sido prometido ao pai Abraão. Ele quer dizer por possessões deles, pois, a terra toda, a qual veio à posse do povo eleito por quinhão, como foi prometido a Abraão. Segue-se —

Obadias 18

18. E a casa de Jacó será um fogo, e a casa de José uma labareda, e a casa de Esaú, restolho, e incendiarão a essa e a devorarão; e *ninguém* *mais* restará da casa de Esaú; pois que o Senhor *o* falou.

18. Et erit domus Jacob ignis, et domus Joseph in flammam (flamma, ut respondeat,) et domus Esau erit palea; et ardebunt in ipsis et consument (vorabunt) eos; et non erit quidquam residuum domui Esau, quia Jehova loquutus est.

Aqui novamente o Profeta vai de encontro a uma dúvida que poderia vir à mente de cada um deles, visto que os idumeus estavam prosperando e a sua situação era independente, enquanto tanto os israelitas quanto os judeus eram levados para o exílio e Jerusalém e seu templo ficavam destruídos. Sob tais circunstâncias, eles podiam se desesperar; contudo, o Profeta revela que, ainda que por um tempo a casa de Jacó desse a impressão de estar morta, todavia, um fogo seria aceso, o qual consumiria os idumeus, embora esses então estivessem orgulhosos de seu poder e de suas riquezas, bem como do próspero resultado da vitória sobre os judeus, pois se tinham enriquecido, tanto quanto os assírios, pela derrocada de seus irmãos. Um modo de falar similar é também adotado por Isaías; malgrado dirigir seu discurso, não aos idumeus, mas a outros, não obstante, seu modo de falar é o mesmo quando diz que Deus, a luz de Israel, seria um fogo e uma labareda para consumir os ímpios (Is 29.6.)

Mas isso foi cumprido quando o Senhor retaliou a crueldade de Edom, embora os judeus estivessem então no desterro, não podendo mover um dedo, quando estavam sem armas, sim, quando eram miseráveis escravos: os idumeus foram mesmo consumidos, mas por qual fogo? Como foi aceso esse incêndio? No exato momento em que *a casa de Jacó e a casa de José* foram como um *fogo e uma chama*. A causa de tal ruína, é verdade, não se tornou imediatamente evidente aos idumeus: mas aqui devemos atentar para o propósito divino. Por que Deus, com tanta severidade, puniu os idumeus? Porque pretendia, com esse exemplo, patentear o quanto amava a sua Igreja. Dado então que a crueldade foi a causa da ruína para os idumeus, justificadamente o Profeta diz sim que a casa de Jacó e a casa de José seriam como um fogo e uma chama para consumir os idumeus. E não foi pequeno refrigério para os miseráveis degredados compreenderem que ainda eram estimados por Deus em sua abatida condição. Então, considerando que ficaram expostos ao opróbrio e ao ridículo de todos, aprouve a Deus atestar que eram eles os objetos de seu cuidado, e que por amor a eles destruiria nações inteiras, até aquelas que então se gloriavam no próprio poder. Vemos agora, pois, porque o Profeta adotou essa linguagem figurada. Por a casa de José ele quer dizer, como dissemos noutra parte, o reino de Israel; ele menciona uma parte pelo todo. Segue-se —

Obadias 19,20

19. E os do sul tomarão posse da montanha de Esaú; e os da planície os filisteus; possuirão também os campos de Efraim e os campos de Samaria; e Benjamim tomará posse de Gileade.

19. Et possidebunt meridiem montis Esau, et planietiem Philistim, et possidebunt agros Ephraim et agros Samariae; et Benjamin possidebit Gilead.

20. E aos cativos deste exército dos filhos de Israel pertencerão os cananeus até Sarepta; e os cativos de Jerusalém, que estão em Sefarade, possuirão as cidades do Sul.

20. Et migratio exercitus hujus filiorum Israel, quod Chananaeorum fuit usque ad Zerphath (vel, qui sunt in Chananaeis,) et migratio Jerusalem, quod in Sepharad, possidebunt (in quam) urbes Australes (vel, meridionales.)¹⁴

¹⁴ A tradução do primeiro desses dois versículos é materialmente diferente de nossa versão. Há consideráveis dificuldades aqui. Na primeira parte nossa versão acompanha a Septuaginta; e outras seguiram a essa, tais como a de *Newcome* e a de *Henderson*, se bem que *Junius*, *Tremulius* e *Dácio* verteram-na materialmente a mesma coisa da de *Calvino*, e decerto de maneira mais coerente com o texto hebraico. A versão a seguir pode ser considerada como uma literal do versículo inteiro:

O Profeta prossegue com o mesmo assunto — que Deus não somente congregaria o remanescente de seu povo do exílio babilônico, mas restauraria os exilados, que eles governariam em todo lugar, e que a condição deles seria melhor do que antes: pois o Profeta, como julgo, dirige a atenção à primeira bênção divina, a qual havia sido depositada na mão de Abraão. Deus prometera à posteridade desse a terra toda do Eufrates ao mar. Ora, essa terra jamais tinha sido possuída pelos filhos de Abraão. Isso ocorrera, como é bem sabido, por sua preguiça e ingratidão. Em sua época Davi expandiu as fronteiras; entretanto, somente tornara tributários aqueles a quem Deus ordenara que fossem destruídos. Desse modo, essa bênção nunca fora cumprida porque o povo pôs um obstáculo no caminho. Agora o Profeta, falando da restauração da Igreja, conta ao povo (o qual retornaria do desterro) que eles tinham de ocupar a terra que havia sido prometida aos seus pais, como se dissesse: “Chegará a vós uma herança plena e completa”.

Ora, é certo que essa profecia jamais foi cumprida: sabemos que apenas uma pequena porção da terra foi possuída pelos judeus. O que temos então que entender por essa profecia? Inquestionavelmente transparece que o Profeta fala aqui do reino de Cristo; e sabemos que a Igreja foi realmente restaurada na ocasião, e que os judeus não somente se recobram do antigo estado em qual haviam caído, mas que o reino deles foi aumentado: pois quão grande se tornou o esplendor do reino e do templo sob Cristo? Isso, então, é o que o Profeta ora quer dizer quando promete aos judeus a herança que eles tinham perdido; sim, Deus então dilatou as fronteiras da Judéia. Destarte, revela que eles não apenas seriam restaurados de sua condição anterior, mas que o reinado cresceria em esplendor e riquezas quando Cristo viesse. Expliquemos agora rapidamente as palavras.

Possuirão eles então o sul do monte de Esaú. O espaço era indubitavelmente grande: mesmo quando Davi reinou, os judeus não possuíram aquela parte ou a região sul do monte Seir. O Profeta, pois, como eu disse, mostra que os limites do reino seriam mais extensos do que haviam sido. *E a planície dos filisteus*, diz ele. Também dessa banda o Senhor faria com que os judeus se estendessem mais além do reino deles. *E possuirão os campos de Efraim.* Não despenderei muito trabalho aqui na descrição da terra: porém, basta-nos entender que o desígnio do Profeta era revelar que o estado do povo depois do degredo seria de longe mais esplêndido do que o fora dantes, mesmo debaixo do reinado de Davi. O que ele quer dizer por Gileade não está muito claro: mas é

*19. E eles herdarão o sul, o monte de Esaú,
E a planície, exatamente a dos filisteus,
E eles herdarão o campo de Efraim e o campo de Samaria,
E o de Benjamin, precisamente Gileade.*

A palavra “possuir” não transmite o sentido de *ירש*, que denota herdar ou possuir por herança, como a vertem Junius e Tremelius — *haereditario jure possidebunt* — “Eles possuirão por direito hereditário.” E isso corresponde exatamente à explanação de Calvino. Apesar de nossa versão inglesa acompanhar a Septuaginta nas duas primeiras linhas, não obstante, afasta-se dela nas duas últimas.

Mas o versículo 20 é o mais difícil. “Cativeiro” é mais apropriadamente “migração” ou transmigração, como Calvino a traduz. Seguem-se então as palavras, *החל-חזה לבכי ישראל*, literalmente, em minha opinião, “o princípio, este, aos filhos de Israel”. Assim a Septuaginta entende a palavra *החל*, como denotando “começo,” e não “hóspede:” falta o *ל*, exceto em três cópias, e sempre o tem quando quer dizer hóspede. Proponho a seguinte tradução:

*E a migração, que principiou com os filhos de Israel,
Herdará o que os cananeus possuíam até Zarefate;
E a migração de Jerusalém, a qual está em Sefarade,
As cidades do sul.*

O último versículo é uma explanação mais completa do primeiro; e, como normalmente se dá em hebraico, quando se alude a duas coisas previamente mencionadas, a ordem é invertida, o último item é citado primeiramente, também é aqui. O verbo “herdar” se encontra na última oração no hebraico; porém, a maneira peculiar de expressão de nossa língua inglesa a requer na primeira. (N. do E. inglês.)

provável que se aluda aqui ao monte Gileade, o qual não era muito distante da tribo de Benjamin, antes, uma cidade ou algum lugar longe daquela parte, não incluído em sua porção, é indicado.

Em seguida adiciona: *E os migrantes dessa vasta multidão dos filhos de Israel etc.* Há aqui obscuridade nas palavras. Por Canaã os hebreus querem que seja tanto os ilírios quanto os germanos, bem como os gauleses; pois dizem que os emigrantes, os quais ficarão dispersos na Gália, na Alemanha e nesses regiões longínquas, possuirão as cidades do sul. Ora, por Zarefate eles compreendem a Espanha. Sabemos, porém, como eu disse em outra parte, que os judeus são mui afoitos em suas glosas: pois não se envergonham de brincar e misturar coisas frívolas, e asseveram isso como se fosse evidente pela história e facilmente descoberto. Dessa forma, tagarelam acerca de coisas desconhecidas a eles, e isso o fazem destituídos de razão ou discernimento. O Profeta, não duvido, quer dizer aqui que todos aqueles territórios que foram anteriormente prometidos aos filhos de Abraão entrariam na posse desses quando o Senhor enviasse seu Cristo, não somente para restaurar o que havia caído, mas também para fazer com que o estado do povo fosse bendito de todas as maneiras. A significação do todo, pois, é esta – que os judeus não só recuperariam o que haviam perdido, mas o que até então não lhes fora dado a possuir: tudo isso o Senhor conferiria a eles quando Cristo chegasse. Segue-se —

Obadias 21

21. E salvadores subirão ao monte Sião para julgar a montanha de Esaú; então o reino será do Senhor.

21. Et ascendent servatores in montem Sion, ad judicandum montem Esau; et erit Jehovah regnum.

Aqui o Profeta diz que existem na mão de Deus ministros, o labor dos quais ele emprega para preservar seu povo. Ele se refere aqui, não tenho dúvidas, à história dos juízes. Deveras conhecemos que o povo de Israel foi amiudadas vezes tão atribulado que seu livramento era quase inacreditável; e que, não obstante, também foram libertados de modo tal que tornava patente que a mão divina aparecera do céu. Então, já que isso era bem conhecido dos judeus, o Profeta aqui os lembra que Deus ainda tinha em suas mãos redutores a qualquer hora que lhe agradasse congregar seu povo. Deus então mandará *protetores*, exatamente como fez outrora a vossos pais. Eles de fato haviam, por experiência, descoberto ser verdade o que o Profeta diz aqui, não somente uma, mas mais de dez vezes. Isso, pois, deve ter servido em muito para confirmar essa profecia.

Então, *ascenderão os que julgarão o monte de Esaú* – os quais, estando dotados do poder de Deus e da autoridade dele, executarão juízo sobre o monte Seir e sobre a nação inteira, desferrando a crueldade que Edom exercera para com os filhos de Abraão.

Contudo, essa passagem demonstra que Cristo não veio para ser ministro de nossa emancipação e salvação de maneira comum, mas que se tornou nosso salvador de um jeito especial; de modo que continua sozinho nesse papel: e isso é um mui forte argumento contra os judeus. Eles confessam que o Messias seria o Redentor de seu povo, mas atribuem tal ofício a ele de uma maneira genérica, como o fazem a Davi e aos outros reis. Porém, fica com certeza óbvio por esse trecho que o Messias não seria da classe vulgar, pois salvadores estariam sob ele como seus ministros. Isto os judeus não ousam negar, conquanto rosnem: pois seria absurdo que ele fosse do número deles. Visto então que ele foi enviado para ser Redentor e Salvador de uma forma diferente da dos outros, segue-se que não é apenas homem, mas o Autor da salvação. Seria realmente fácil replicar: “Por que nos fala de muitos redutores? Não esperas tu por um Salvador? Se Deus delega esse mister a muitos em igual medida, por que há tantas promessas gloriosas no tocante ao Messias? Por que somos sempre lembrados dele apenas? Por que somente ele é-nos apresentado como o fundamento de nossa salvação?” Daí fica manifesto, decerto, que Cristo tem de ser distinguido de todos os outros, e esses outros são salvadores debaixo da autoridade dele; e os tais eram os apóstolos e todos os assemelhados no presente, cujo trabalho e ministério Deus emprega para

defender e sustentar sua Igreja.

Ele ora acrescenta: *De Jeová será o reino*. Mas, dado ser certo que era intenção de Deus reger entre seu povo depois de os haver restaurado de nenhum outro modo que não pelo poder de Cristo, o Profeta, ao dizer que o reino de Cristo seria o de Jeová, quer dizer que esse reino seria em realidade divino, e mais ilustre do que se houvesse empregado o labor de homens. Mas duas coisas devem ser aqui observadas por nós: que Deus mesmo verdadeiramente governa na pessoa de Cristo, e que é o legítimo modo de dirigir a Igreja que só Deus presida, detendo sozinho o poder principal. Segue-se, portanto, que, quando Deus não aparece como o único Rei todas as coisas ficam em confusão, sem ordem alguma. Ora, Deus não é chamado de Rei à maneira de distinção vazia: mas somente é reputado como Rei de verdade quando todos se submetem a ele, quando todos são governados por sua palavra; em suma, quando todas as criaturas ficam silentes em sua presença. A Deus, pois, pertence o reino. Por este motivo, vemos que a Igreja não tem existência onde a palavra de Deus não prevalece em sua autoridade quanto a reprimir tudo que haja de grandeza nos homens, trazendo-os sob a canga, a fim de que todos dependam apenas de Deus, para que a ele atentem e ele os tenha em sujeição a si próprio.

ORAÇÃO

Conceda, Todo-Poderoso Deus, que, visto estarmos tão dispersos em nossa peregrinação neste mundo que até um espetáculo medonho é-nos apresentado aos nossos olhos, quando vemos tua Igreja tão miseravelmente despedaçada, ó permita que, estando dotadas com o poder real de teu Espírito, e congregados em um, cultivemos a bondade fraternal entre nós para que cada um se esforce em ajudar ao outro, mantendo, paralelamente, nossos olhos fixos em Cristo Jesus; e, embora duras pelejas nos aguardem, todavia, estejamos sob seu cuidado e proteção, exercendo assim a paciência, para que, havendo terminado nossa batalha, desfrutemos no fim aquele bendito repouso que tu prometeste a nós, o qual está guardado para nós no céu, o qual também nos adquiriste pelo sangue de Cristo, teu Filho e único Senhor. Amém.

Fim dos Comentários sobre Obadias.

UMA TRADUÇÃO DA VERSÃO DE CALVINO DAS PROFECIAS DE OBADIAS

1. A visão de Obadias: Assim diz o Senhor Jeová contra Edom: Um rumor ouvimos de Jeová, E um mensageiro às nações foi enviado: “Levantai-vos, e subamos contra ela à batalha.”
2. Eis, pequeno te pus entre as nações, Desprezado grandemente eras tu:
3. A arrogância de teu coração te ludibriou, Tu que habitas nas fendas da rocha: “Quem me fará descer ao solo?”
4. Se tu te elevares alto como a águia, E se entre as nuvens estabeleceres teu ninho, De lá te arriarei, diz Jeová.
5. Ladrões vieram a ti, ou assaltantes da noite? Como tu foste reduzido ao silêncio? Não roubaram o que lhes bastava? Vindimadores vieram a ti? Não deixaram eles alguns cachos?
6. Quão exploradas estão as coisas de Esaú, *E* exaustivamente vasculhados seus locais ocultos!
7. À fronteira eles te levaram, Todos os homens da tua confederação; Enganaram-te, prevaleceram contra ti, eles, Os homens que estavam em paz contigo; Os homens que comiam teu pão Puseram uma ferida debaixo de ti – Não há nele entendimento!
8. Não vou naquele dia, diz Jeová, Destruir os sábios de Edom, E o entendimento do monte de Esaú? Sim, sucumbidos ficarão teus valentes, ó Temã,
9. De modo que serão cortados todos os homens, Do monte de Esaú pela carnificina.
10. Por causa da opressão de teu irmão Jacó, Cobrir-te-á o vitupério, E tu serás cortado para sempre.
11. No dia em que tu ficaste do outro lado, No dia em que forasteiros tomaram suas posses, E estrangeiros entraram por seus portões, E sobre Jerusalém lançaram sortes, Tu mesmo era como um deles.
12. Mas tu não devias ver como espectador o dia do teu irmão, No dia de sua alienação; Nem regozijares sobre os filhos de Judá, No dia da destruição deles; Nem com tua boca falar coisas presunçosas, No dia do pesar;
13. Nem devias entrar pelo portão do meu povo, No dia da destruição dele; Nem contemplá-lo, tu em especial, em sua aflição, No dia de sua destruição; Nem estender *tua mão* à sua riqueza, No dia de sua destruição:
14. Nem devias te postar nas saídas, Para destruir aqueles que estavam escapando; Tampouco entregar seus remanescentes no dia da angústia.
15. Visto que perto está o dia de Jeová sobre todas as nações, Como tu fizeste, será feito a ti, Teu galardão voltará sobre tua própria cabeça;
16. Pois como bebestes sobre meu monte santo, Beberão todas as nações continuamente; Elas beberão e sorverão tudo; E serão como se nunca tivessem sido.
17. Mas no monte Sião haverá livramento, E *Sião* será santidade; E possuirá a casa de Jacó as próprias posses:
18. A casa de Jacó será também uma labareda, E a casa de José, uma chama, E a casa de Esaú será palha; E ateados serão entre eles, e os consumirão; E nenhum resto haverá à casa de Esaú; Pois *assim* Jeová falou.

19. Eles também possuirão o sul do monte de Esaú, E a planície, precisamente *a* dos filisteus; E possuirão os campos de Efraim E os campos de Samaria, E Benjamim *possuirá* Gileade:

20. E os emigrantes dessa multidão dos filhos de Israel Possuirão *a terra* dos cananeus até Zarefate; E os emigrantes de Jerusalém, o que está em Sefarade, Até as cidades sulistas:

21. E ascenderão salvadores ao monte Sião, Para julgar o monte de Esaú; E de Jeová será o reino.

ÍNDICES

Índice de Referências Escriturísticas

Gênesis 36.15

Salmos 41.9 137.7

Isaías 29.6 53.1

Jeremias 49.7-22 49.12

Obadias 1 2-4 5 6 7,8 9 10,11 12-14 15 16 17 18 19,20 21

Malaquias 1.2

Mateus 7.2

Índice de Comentário da Escritura

Obadias 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21

Índice de Palavras e Locuções Hebraicas

גם אחה.

דים.

דמה.

השיא אותך.

השיאך.

חזון.

חמס.

למען.

נדמיתה.

נשא.

סלע.

- פרק
- קהל
- ש
- שלח
- שמועה
- שמועה שמעתור
- שמענר
- הפלצחך

Índice de Palavras e Locuções Latinas

- clientes
- Tu etiam

SOBRE O AUTOR

Um dos principais nomes da Reforma Protestante, João Calvino (1509-1564) nasceu em Noyon (França). Tendo em comum com o alemão Martinho Lutero o fato de também ter sido seminarista na juventude, deu prosseguimento à obra desse, ensinando a doutrina e a aplicação da justificação pela fé somente em Cristo, como revelada nas Escrituras Sagradas, empenhando-se em aplicar o ensino bíblico a todas as áreas da vida; não obstante, o sistema teológico chamado calvinismo é mais estruturado que o luteranismo. Calvino estabeleceu-se em Genebra (Suíça), já que na França do rei Francisco I não eram tolerados não-católicos. A igreja que ele pastoreava ali veio a se tornar um centro da Reforma, a ponto de John Knox dizer que ela foi “a mais perfeita escola de Cristo desde os dias dos apóstolos”. Os Sermões sobre Jó, os Comentários da Bíblia e as Institutas constituem o grande monumento do seu pensamento teológico.